Quatro gerações de memórias

Maria Adelaide nasceu alentejana, por terras de Galveias (Ponte de Sor), no ano de 1919. Se a saúde não lhe faltar, como tem faltado infelizmente nos últimos dias, completará 95 anos a 8 de Fevereiro. Mulher do campo, começou cedo a aprender a tirar da terra o sustento. Da criação de animais à lida da casa e da roupa, que se confecionava à mão, Maria Adelaide sabia fazer de tudo um pouco. E tudo fazia, por força da necessidade. Do casamento vieram os filhos: quatro rapazes e, quando a idade já não o fazia prever, uma menina, criada a água de açorda, por falta do leite materno que, nas vezes anteriores, dera para os filhos e para outros bebés que precisavam. Crescidos nos montes, sem luz ou água canalizada, os filhos ajudavam no que podiam. Para irem à escola, percorriam 10 quilómetros a pé, por veredas repletas de aventuras: roubar ovos dos ninhos, fazer armadilhas para os animais, caçar coelhos e pescar peixes, que depois se juntavam ao pão confecionado pela mãe... Nas horas vagas, quando as havia, brincavam ao agarro, ao pau quente, ao botão, à pata, ao eixo, ao peão e à bugalha (berlinde).

Faziam bolas de trapos e brinquedos com madeira e cortiça, folhas de piteiras e arames dos fardos de palha. À noite, sobretudo em alturas festivas, o pai cantava e tocava concertina enquanto os filhos dançavam com as primas e com as tias, outras vezes até com uma vassoura.

Um dia, os filhos começaram a partir. Primeiro para trabalhar e estudar, apadrinhados pelos patrões dos pais, que quiseram ajudá-los a conquistar um futuro melhor. Os mais velhos juntaram-se depois na tropa e, como os tempos eram de convulsão, Maria Adelaide viu os três partir para a guerra.

Volta e meia chegavam notícias pelo correio. Fora isso, era esperar que a sorte os protegesse, enquanto se tentava enganar a saudade com o trabalho. Safaram-se os três. Dois seguiram a via militar. Um deles optou pelos estudos e formou-se em engenharia. O quarto filho, mais novo, safou-se por um triz dos conflitos em África. Estudou, assim como a irmã, mas no país o futuro era incerto. Emigraram, como tantos outros da sua aldeia e por lá ficaram, com as filhas a falar já noutra língua.

Maria Adelaide viu os filhos partir, viu depois o marido falecer e ficou pela aldeia, onde muitos também foram partindo, com o tempo. Foi lá que foi recebendo a visita dos filhos, depois dos netos (nove no total) e dos bisnetos (12 até à data), estes últimos nascido já na era da televisão, dos computadores, das consolas, dos shoppings, dos hipermercados, dos micro-ondas e dos ares condicionados, das autoestradas e das viagens de avião. Nascidos já numa era de tantas facilidades, mas com um futuro tão incerto como antes...

Quatro destas crianças são os meus filhos, a quem eu hoje quero contar esta história, para que a memória daquilo que Portugal foi e mudou em tão pouco tempo nunca se perca. E, sobretudo, para que eles entendam o valor de quem passou por tanto, e tanto fez para que hoje fôssemos quem somos. Obrigada, avó Maria! ■

SARA RODI
sararodi.maisalentejo@gmail.com